



As décadas de 1950 e 60 foram marcadas por lutas pela terra em todo o Brasil: **lutas de arrendatários** contra injustiças nos acordos de arrendamento; **lutas de posseiros** contra falsificações de títulos feitas por grileiros, em especial nas áreas de fronteira agrícola; **lutas de foreiros e moradores** contra diminuições das terras para plantio próprio dos trabalhadores ou contra aumentos abusivos do “foro”

## Conflito de Santa Fé do Sul



As terras do noroeste paulista pertenciam ao Estado, mas foram griladas com documentos falsos.

Duas das maiores fazendas da região eram a Mariana, de 3.146 hectares, e a São João do Bosque, de 12.584 hectares. Ambas eram de José Carvalho Diniz, o Zico Diniz, grande latifundiário conhecido pela frase: *“Terra não se dá, não se empresta, não se vende; terra a gente toma ou, se não puder tomar, compra, e paga só pelas metades”*.

*“Meu povo! Vamos agora tratar com carinho este capim, para depois mandarmos para São Paulo, para o governador e o Zico Diniz comerem!”*

(Declaração de Jofre Correa Netto, publicada no jornal “O Estado de São Paulo”)

Nestas fazendas **arrendatários** trabalhavam as terras com o compromisso verbal de entregá-las com o capim formado. Em meio a uma grave seca em 1958-59, os trabalhadores recorreram a um advogado, solicitando a renovação de contratos. Representantes de Zico Diniz mandaram então plantar capim no meio das lavouras. Apoiados pelo PCB, os arrendatários responderam com uma operação “arranca capim”.

Junto com o governo estadual foi elaborado novo contrato de arrendamento de um ano, ao fim do qual, em 1960, explodiu novo conflito. Enquanto o proprietário soltava o gado na roça dos lavradores, a Associação dos Lavradores de Santa Fé foi processada pelo DOPS e a principal liderança dos trabalhadores, Jofre Correia Neto, foi condenada. Os trabalhadores não conseguiram permanecer na terra



Jofre Correia Neto

# *Conflito de Trombas e Formoso*



Ocupada por posseiros, a área de Trombas e Formoso no norte do atual Goiás começou a ser grilada na década de 1950. Em meio a **conflitos entre grileiros e posseiros**, militantes do PCB chegaram à região em 1954. Sob sua influência os posseiros organizaram-se em “conselhos de córregos” e fundaram em 1955 a Associação dos Lavradores de Formoso e Trombas.

Em 1957 o governo estadual organizou uma ofensiva contra os posseiros e foi recebido com piquetes de resistência. Realizou-se então um acordo segundo o qual o governo estadual retiraria as tropas da região enquanto o PCB apoiaria as pretensões do governador de estender seu mandato e apresentar seu filho à sucessão.



José Porfírio

## Em Trombas e Formoso (Goiás) São os Próprios Camponeses Que Fazem a Reforma Agrária



Estabeleceu-se com isso uma área liberada 10 mil quilômetros quadrados, organizada a partir de três associações e vinte e três conselhos dos trabalhadores. As ofensivas militares contra a região após o golpe militar de 1964 prenderam e torturaram vários dos principais líderes do movimento

## ***Conflito no Engenho Galiléia, em Pernambuco***



Entre as décadas de 1950 e 1960, devido à alta dos preços internacionais do açúcar, senhores de engenho de Pernambuco começaram a aumentar a área destinada à cana e a diminuir as áreas de cultivo próprio dos trabalhadores. Neste contexto, em 1955 organizou-se no Engenho Galiléia a Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuáristas de Pernambuco, uma associação de defesa de **foreiros ameaçados de despejo.**





Com apoio do advogado e deputado estadual pelo PSB Francisco Julião, a associação do Engenho Galiléia se transformaria em semente das **Ligas Camponesas**. O caso do Engenho Galiléia estendeu-se até 1959, quando a Assembleia Legislativa de Pernambuco desapropriou suas terras, entregando-as à Companhia de Revenda e Colonização (CRC).

A agência estatal atuou de forma arbitrária e verticalizada ao distribuir as terras, esforçando-se sempre para separar e desmobilizar os trabalhadores rurais.

Apesar disso, a relativa vitória no Engenho Galiléia foi suficiente para estimular a ampliação das Ligas Camponesas em Pernambuco e outros estados.





Durante a ditadura aprofundou-se o violento processo de expropriação sofrido por pequenos produtores em todo o Brasil. Ao longo da década de 1970, enquanto cerca de 75 milhões de hectares eram incorporados à fronteira agrícola, quase 16 milhões de pessoas foram expulsas do campo à cidade em todo o país. Apenas em São Paulo foram expulsas entre as décadas de 1960 e 1980 cerca de 2,5 milhões de pessoas dos campos, em uma drástica redução das pequenas explorações agrícolas no estado

